DEPOIMENTOS

Tempo e espaço intersubjetivo*

Valderez F. Fraga**

A defesa de uma tese é momento para participação autêntica, quando o acompanhamento, a orientação, a avaliação e a contribuição *a um trabalho do outro* já não são mais suficientes. Na verdade, exige dos membros da banca o engajamento co-participativo na responsabilidade por um trabalho *cujo merecimento será do outro*, isto é, de seu autor.

Essa responsabilidade manifesta-se em várias situações e ações como: no respeito à instituição que viabiliza o estudo, que lhe emprestará o nome e que o divulgará como produto acadêmico válido; no empenho do orientador, do co-orientador e do orientando, enriquecido por inúmeras colaborações valiosas e anônimas; publicamente, na nobre atividade da banca examinadora, cujas competência e postura ética justificarão e legitimarão seu poder para conferência de diversos títulos.

Trata-se de um momento no qual um mínimo de cumplicidade poderá trazer frustração e insegurança futura ao defensor da tese. Por essa razão, não libera espaço para impertinências, mas para rigor, nem para omissão, mas para iniciativas de contribuição.

Nesse momento, parece prudente eliminar-se o risco de um julgamento limitado à experiência ou ao conhecimento hegemônicos de um ou outro membro da banca. Daí a necessidade de substituir-se qualquer indício de presunção por humildade, de afastar-se a vaidade com firmeza, assumindo toda a sinceridade possível. Além disso, é tempo para abrir-se o tradicionalismo à criatividade, à inovação, mas com critérios confiáveis e com lucidez.

O confortável hábito de trilhar-se caminhos conhecidos pode arrebatar a aventura da descoberta de novos saberes e poderes. A trilha da inovação, porém, exige pleno discernimento entre ambigüidade e equívoco, além de uma profunda reflexão que considere a possibilidade da polissemia da verdade.

Entre os hábitos lamentáveis encontra-se, freqüentemente, a expectativa do examinador sobre o que o pesquisador *deveria* ter investigado, discutido, concluído..., enfatizando exatamente o que ele não fez, em vez de analisar crítica e construtivamente o que ele submete à apreciação.

* Artigo recebido em abr. e aprovado em jun. 1996.

** Mestre em educação e desenvolvimento humano (GWU-USA), doutora em educação (UFRJ), professora contratada da UFRJ e FGV-RJ, e consultora em DRH.

Contribuições na direção do que o aluno pretendeu e buscou costumam levá-lo a um grau merecido de tranqüilidade, aliado a um nível ótimo de insatisfação, ou seja, a aquele sentimento tão familiar aos que já experimentaram a defesa de suas idéias e produtos e que revigora o ser humano na busca de novos patamares de saber, para o enfrentamento de outros desafios, sempre na esperança de maiores contribuições.

A defesa da tese é, ainda, espaço aberto à doação sincera de todos, em termos de aprendizados vividos, quando cada um dos envolvidos no processo poderá libertar-se do isolamento ocioso em direção ao compartilhamento eficaz. É oportunidade para reconhecimento recíproco da *expertise* de cada colega, possibilitando desenvolvimento profissional e humano em múltiplas direções com cores, sabores, origens e estilos distintos, mas complementares. É quando focos de luz, no espaço verticalizado dos conhecimentos, o transformam em um horizonte comum, *des-cobrindo* a coerência na complexidade compreensiva dos saberes.

Aquele momento de atmosfera solene, com ares de renascer e expectativa de juízo final, não é de todo fechamento, tem o sentido aberto da gestão como autogestão, de educação como auto-educação, quando é possível apreender a diferença entre professor e aluno muito mais como uma questão de postura diante da responsabilidade pelo outro do que de hierarquia de saber.

Uma apresentação de tese é, para o autor, o justo coroamento de sua árdua labuta; para o orientador, a satisfação pela realização do outro, e realização para a instituição, com toda uma equipe de colaboradores que torna aquele momento possível, após longo processo de exigências e requisitos. Assim, é tempo de certeza de produtividade. Apesar disso, não se reduz a um momento menor de terminalidade; ao contrário, é mais rico pelo que poderá ainda vir a ser do que por aquilo que é, no fazer e refazer do mundo da investigação.

Esse espaço e esse tempo para concretização da proposta filosófica fenomenológica de *ser com o outro* imprimem ao relacionamento entre aluno e professores o rumo essencial do próprio espírito humano, o da intersubjetividade.

... E, quando assim se convive, aquela possibilidade de disputa e tensão pode transformar-se inteiramente em um momento muito feliz.